

Agronegócio esbarra na falta de investimento

Em evento do 'Estadão', líderes do setor dizem que liderança global depende da infraestrutura

Camila Turtelli
Renato Oselame



O Brasil tem capacidade para atender à crescente demanda mundial por alimentos mas só conseguirá liderar a exportação de produtos agropecuários se houver investimento. A avaliação é de participantes do Summit Agronegócio Brasil 2015, realizado ontem pelo 'Estadão', com patrocínio da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (Faesp).

O País tem clima favorável, água e terras, mas precisa melhorar estradas, portos, ferrovias, além de ampliar a armazenagem nas propriedades. Um dos caminhos apontados para superar os obstáculos é a parceria entre governos e iniciativa privada, além do uso cada vez mais intensivo da tecnologia

agrícola.

"É preciso muito mais investimentos do que estamos fazendo hoje. E as condições do País podem atrair muitos interessados de fora", afirmou o representante da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) no Brasil, Alan Bojanic.

Para o professor José Vicente Caixeta Filho, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), além da forte dependência do transporte rodoviário, a estrutura de armazenagem é limitada. "Produtor não tem onde armazenar e usa o caminhão como estoque; isso se reflete no valor do frete", disse.

O presidente da Cosan, Marcos Lutz, reforçou a necessidade de diversificar os modais brasileiros e defendeu o aumento da participação das ferrovias. Lutz estimou que o desperdício pelos gargalos logísticos no Brasil equivale a 5% do Produto Interno Bruto nacional.

O presidente da Faesp, Fábio



'Celeiro do mundo'. Em painel, especialistas discutiram as diretrizes que o setor está seguindo para gerar mais negócios

Meirelles, também defendeu investimentos em infraestrutura de transportes, além de recursos para a defesa agropecuária, pesquisa e difusão de tecnologias. "O agronegócio é o verdadeiro trunfo do desenvolvimento do País e não podemos desperdiçar seu potencial", afirmou Meirelles.

Desafios. A valorização do dólar neste ano trouxe desafios para o setor, com custos de produção mais altos, rigor na concessão do crédito e preços menores das commodities. "A taxa de câmbio que temos hoje reflete

● **Riqueza pelo caminho**
5%
do Produto Interno Bruto brasileiro são desperdiçados todos os anos pelos gargalos logísticos que o País enfrenta, afirmou o presidente da Cosan

uma situação de crise e não seria bom que o real continuasse a cair. É importante que as exportações continuem competitivas, sem pressionar os insumos", alertou Bojanic, da FAO.

A esperada volta da Argentina com força ao mercado de exportação de commodities também acirrará a concorrência entre os dois países, ambos grandes produtores agrícolas. "Teremos a Argentina de volta ao jogo", afirmou o presidente da Bunge Brasil, Raul Padilla, em referência à eleição de Mauricio Macri e à promessa de estimular as vendas externas com suspensão de tributos. Para ele, a exportação de soja e milho do país deve crescer.

Políticos como o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, e o vice-governador de Mato

Grosso, Carlos Fávaro (PSD-MT), participaram do Summit e destacaram o potencial brasileiro na produção agrícola. "O setor sucroalcooleiro está se recuperando agora depois de ter passado por grandes dificuldades nos últimos anos", afirmou o governador de São Paulo. Para Fávaro, a maior atenção em Mato Grosso, neste momento, é a infraestrutura, principalmente as rodovias que cortam o Estado.

Cobertura completa: caderno especial circula na segunda

